

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A ÁREA DO ENTORNO DO MERCADO CENTRAL DE PELOTAS: COMÉRCIO FORMAL X COMÉRCIO INFORMAL

Rosane Balsan

Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 139-140, maio, 1998.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39280/26332>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A ÁREA DO ENTORNO DO MERCADO CENTRAL DE PELOTAS: COMÉRCIO FORMAL X COMÉRCIO INFORMAL

Rosane Balsan *

O presente trabalho¹ tem como objetivo analisar as relações e os conflitos gerados pela organização do comércio informal (camelôs) paralelo ao comércio formal (Mercado Central), na cidade de Pelotas.

Pelotas está localizada no sul do Rio Grande do Sul. Possui um grande patrimônio histórico na sua área central, datado sobretudo do final do século XIX e início do XX. O prédio original do Mercado Central foi construído em 1847, em estilo neoclássico. Já em 1911 houve a primeira reforma com a mudança nos acessos, quando o mesmo recebeu uma torre com um relógio e um farol. Atualmente é um marco histórico e referencial simbólico para a população pelotense.

Neste sentido, a relação da economia formal com a economia informal remete a uma discussão sobre o mercado público não apenas como o lugar de troca, mas também sobre a constituição da sociedade urbana. O Mercado Central além de ser um fator social é um fator histórico predominante na paisagem da maioria das cidades brasileiras, principalmente nos grandes centros urbanos. Analisando este contexto histórico é que buscamos entender as transformações que ocorrem e/ou ocorreram no processo de produção e circulação da cidade.

A pesquisa aborda a opinião dos proprietários e empregados do Mercado Central com relação aos “camelôs” que estão situados no entorno do mesmo. Desta forma objetivou-se demonstrar os conflitos travados na sobreposição de usos em áreas públicas, para refletir sobre questões que influenciam a organização de um espaço “informal” contrapondo-se à organização de um outro espaço, o “formal”. Para melhor compreensão da relação entre o comércio formal e o informal foram realizadas entrevistas com proprietários e empregados do Mercado Central, contendo perguntas com respostas abertas e fechadas (semi-estruturadas). Foi utilizada uma amostragem de 80 pessoas, entre “camelôs” e comerciantes do Mercado Central, o que é uma amostragem bastante significativa do universo total da pesquisa.

Através da análise das respostas às entrevistas constatamos que 80% dos comerciantes do Mercado Central são do sexo masculino. No “camelódromo”, observamos que 55% dos “camelôs” são do sexo masculino e 45% do sexo feminino. Ao contrário do Mercado Central, que apresenta um pequeno percentual de mulheres, a força de trabalho feminina é bastante presente na área do comércio informal.

No mercado público, um espaço de troca muito antigo, observamos que existem proprietários que possuem “banca” há mais de duas décadas. Muitos comerciantes passaram o negócio para seus filhos, em uma relação familiar de geração a geração.

¹ Este trabalho dá continuidade à pesquisa desenvolvida sob a orientação da Prof^a Vanda Ueda (Departamento de Geografia e Economia/UFPel), sobre o comércio informal na cidade de Pelotas. Em 1996 os resultados parciais da pesquisa foram apresentados no V Congresso de Iniciação Científica da UCPel/UFPel e FURG. A repercussão do trabalho e as polêmicas levantadas geraram a continuidade da pesquisa com o acréscimo de novos questionamentos.

Atualmente, algumas bancas estão sendo vendidas devido a certos fatores econômicos e, principalmente, pela ocupação dos “camelôs” no seu entorno. Com relação à saída dos “camelôs” para um outro local, em geral, tanto os proprietários como os empregados são a favor (80%). Segundo eles, o trânsito de pessoas e veículos será maior. Já os comerciantes que estão instalados há pouco tempo permaneceram neutros em relação a esta questão, pois nunca trabalharam sem os “camelôs”. Outros se beneficiam com os “camelôs”, pois fornecem refeições ou alugam o espaço para guardar produtos.

Já os “camelôs” não concordam em sair da área central (Mercado Central). Alegam que diminuiriam as suas vendas. Recentemente, a Prefeitura Municipal anunciou uma mudança da sua localização para outro área do centro da cidade, mas esta ainda não foi concretizada.

“Segundas” conclusões (...e a pesquisa continua!): Constatamos a importância de uma organização com relação ao espaço público e à utilização do mesmo que leve em consideração os aspectos arquitetônico e cultural do Mercado Central e de seu entorno.

Essa relação entre a economia informal com a formal tem sido alvo de muitas discussões e polêmicas, uma vez que camelôs e proprietários não conseguem solucionar o problema existente. Esse conflito faz parte da sociedade que está sempre em evolução.

A localização espacial dos “camelôs” na cidade de Pelotas necessita urgentemente de uma solução, pois a regulamentação urbanística da cidade está sendo desrespeitada e ultrapassada pela realidade. A própria infra-estrutura para o trabalho dos “camelôs” está saturada, deixando a desejar para os próprios usuários.

O Mercado Central de Pelotas precisa recuperar seus verdadeiros laços históricos para demonstrar o seu valor perante a sociedade tanto urbana como rural, pois não são as áreas públicas que prejudicam esse ou aquele comércio. A concorrência faz parte desse processo econômico que estamos vivendo. O verdadeiro vendedor ambulante abandona a informalidade, deixa de ser ambulante e passa a ser fixo – ele precisa trabalhar, todos possuem este direito. Não podemos nos iludir com questões ideológicas, precisamos partir do real, para chegar no mais abstrato. Nem todos os fatores são visíveis aos nossos olhos. Nossa pesquisa tem desvendado importantes questões para o tema, sendo inclusive apresentada nos meios de comunicação social da cidade. Esperamos que ela seja uma contribuição da Geografia na discussão da sociedade e da cidade a partir da leitura do seu espaço.

* Acadêmica no curso de Geografia da UFPel.

O COTIDIANO DAS ESCOLAS – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS

*Sandro Carravetta da Costa **

O presente trabalho¹ tem como objetivo apreender e compreender o cotidiano da escola pública, no seu contexto organizacional, didático-pedagógico e comunitário. A partir dos conhecimentos adquiridos com a vivência escolar faz-se uma análise das relações da cotidianidade na escola. Através da experiência do dia-a-dia, vivenciam-se relações verticais e horizontais em constante contradição.